b. A Bíblia diz a verdade?

A Bíblia, no seu conjunto, apresenta uma história da salvação, através de alianças sucessivas. Esta tem necessariamente de assentar em elementos históricos. Se tudo fosse imaginário, não poderíamos falar de uma revelação de Deus, muito menos da Sua encarnação. Mas será que devemos tomar tudo à letra nos relatos, quer se trate de Adão e Eva, da travessia do Mar Vermelho ou do poderio do reino de David e Salomão? E, mesmo nos Evangelhos, será tudo inteiramente verdadeiro? Por que motivo são quatro, repetindo-se em alguns aspetos, mas também contradizendo-se?

Uma forma simples de colocar a questão seria perguntar se a Bíblia é verdadeiramente um livro de História. Veremos que o que está em causa é um pouco diferente. Trata-se do testemunho.

1. Bíblia e História

Se durante muito tempo a Bíblia foi considerada uma história sagrada e necessariamente fiável, a perspetiva acabou por mudar, sobretudo na passagem para o século XX, com aquilo a que se chamou a crise modernista. Os progressos das ciências históricas em geral e da arqueologia em particular, levaram a relativizar um certo número de informações presentes nos textos. Já não se considera, por exemplo, que o povo hebreu tenha conseguido, de uma forma ou de outra, derrubar as muralhas de Jericó ao entrar na Terra Prometida, dado que a arqueologia não revela qualquer destruição correspondente à época em questão. Muitos relatos antigos, desde o Génesis até à instalação na Terra Prometida, são, por isso, objeto de reservas. Os relatos do período dos reis, desde David até à queda de Jerusalém, são provavelmente mais próximos dos acontecimentos, mas apenas de forma parcial e, em parte, sem possibilidade de verificação.

Não se trata apenas de uma questão de distância no tempo. Também os próprios Evangelhos suscitam questões, relativamente a um certo número de pormenores mais ou menos significativos. Para dar um exemplo marcante, os Evangelhos sinópticos referem apenas uma subida de Jesus a Jerusalém durante a sua pregação, ao passo que o Evangelho de João, mais tardio mas sem dúvida mais exato, menciona três.

Se os Evangelhos são supostamente textos historicamente fiáveis, resultantes todos, de uma forma ou de outra, de testemunhos diretos, por que existem diferenças ou mesmo contradições? A questão é legítima. Cabe ao trabalho dos exegetas e dos historiadores procurar a versão mais verosímil de determinados acontecimentos. Mas, mesmo que fosse possível dar uma resposta segura sobre este ou aquele ponto, isso significaria que deveríamos corrigir os textos ou até deixar de os ler, pondo, assim, de lado partes inteiras do Antigo Testamento que provavelmente têm um caráter mais lendário do que histórico?

O problema, na realidade, reside em não esperar dos textos aquilo que eles não podem oferecer, aquilo para que não foram escritos. Não são textos históricos um pouco ultrapassados, escritos por autores que desconheciam os métodos científicos modernos e que deveríamos ler, ao mesmo tempo, com devoção e cepticismo. A sua primeira intenção não é serem textos históricos, mas dar testemunho, com fé, da forma como Deus Se revela na vida de pessoas e de comunidades.

2. Testemunho e verdade

Considerar os textos como testemunhos pode implicar duas coisas. Uma primeira, superficial e frágil, consiste em afirmar que são simplesmente subjetivos, para o melhor e para o pior - alguém conta aquilo que viu ou compreendeu sobre um acontecimento e isso constitui uma experiência única, mas, ao mesmo tempo, discutível. Sabemos que, por exemplo, quando ocorre um acidente, as diferentes testemunhas descrevem necessariamente os factos de maneira um pouco diferente, ao reconstituírem os elementos. Neste caso, a verdade só pode emergir de um trabalho de investigação de alguém que reúna os diferentes pontos de vista e as análises científicas, procurando estabelecer, com a maior objetividade possível, o que aconteceu. Nesta perspetiva, seria necessário ultrapassar a inevitável subjetividade dos autores bíblicos para reconstituir um relato mais objetivo. O problema desta abordagem e, de forma mais ampla, da importância dada à verdade histórica, é partir do princípio de que a verdade em causa é factual: aconteceu isto ou aquilo. Contudo, não é assim que as coisas se passam.

O tipo de testemunho de que se fala na Bíblia tem um sentido muito mais profundo, sendo certo que a subjetividade é necessária, pois o testemunho resulta sempre de um encontro pessoal. No entanto, não se trata de uma simples exposição de sentimentos ou emoções, à maneira de uma reportagem de rua ou de um programa de televisão. O testemunho bíblico abrange a pessoa (ou um grupo humano) na sua história e manifesta uma orientação ou uma reorientação profunda da sua vida. Tomemos como exemplo um relato de conversão, seja o de Charles de Foucauld ou o de cristãos anónimos. Num determinado momento ou progressivamente, uma pessoa descobre que a sua história é, desde o início, uma história de relação com Deus, ainda que durante muito tempo não o tenha sabido ou que essa descoberta tenha sido marcada por lutas interiores. Quando essa pessoa evoca o seu passado, não se limita a referir factos de forma objetiva, nem utiliza os termos que teria usado na altura para descrever a sua vida. Ao colocar em perspetiva o que viveu, à luz da experiência de um encontro com Deus que a transforma profundamente, ela confere à sua experiência passada uma nova densidade. O que mudou não foram os factos em si mesmos, mas o seu significado, na perspetiva de uma relação com Deus que os renova inteiramente. Assim, um prazer superficial transforma-se em vazio e um vazio torna-se lugar de encontro. Esta textura é necessária para explicar as nossas existências, que uma abordagem estritamente factual e distanciada apenas poderia reduzir ou empobrecer.

Algo de semelhante acontece nos Evangelhos, no que diz respeito à identidade de Jesus. O que é dito acerca d'Ele constitui um testemunho que projeta sobre os acontecimentos uma luz retrospetiva, proveniente do encontro com o Ressuscitado. Os factos são, pois, descritos de modo a tornar visível a verdadeira identidade de Jesus, mesmo que as testemunhas não tenham tido consciência disso no momento em que os presenciaram. Não existe uma leitura objetiva, dado que toda a vida de Jesus é um sinal a interpretar. É por isso que os Evangelhos diferem. Cada um apresenta um testemunho de acordo com a sua sensibilidade

própria. É o caso, por exemplo, entre outros aspetos, da relação com o judaísmo em Mateus, ou da vontade de apresentar um testemunho às nações em Lucas. A exegese mostra bem, mesmo em episódios narrados de forma bastante semelhante, a orientação própria de cada evangelista. Isso é ainda mais evidente quando se considera o conjunto da narrativa e a ordem dos acontecimentos. O objetivo não é ser fiel aos factos em si mesmos, mas apresentar elementos selecionados de uma forma que ilumine a identidade de Jesus. A este respeito, a data exata do nascimento de Jesus ou da sua crucifixão é menos decisiva para a fé do que o facto de haver uma testemunha do sangue e da água que brotaram do Seu lado, como se lê em João: «Aquele que viu dá testemunho, e o seu testemunho é verdadeiro; e ele sabe que diz a verdade» (Jo 19, 35). O ponto central continua a ser o testemunho daqueles que reconheceram Jesus ressuscitado.

Para além de pormenores historicamente discutíveis, isto implica que possam existir relatos sem uma base factual direta. Os exegetas discutem, assim, a veracidade histórica de determinados episódios dos Evangelhos (um episódio da infância de Jesus ou um certo milagre). Estes relatos não devem ser entendidos como provas imaginárias, mas como expressão mais clara de uma convicção acerca de Jesus. Contar uma história pode, em certos momentos, ser uma forma mais eficaz de fazer compreender o que se pretende transmitir.

O mesmo fenómeno ocorre no Antigo Testamento, acrescido da distância cronológica e, sobretudo, da grande diversidade dos materiais de base: relatos fundadores, arquivos reais, textos retirados das culturas egípcia ou babilónica... Quando os textos propõem uma narrativa de conjunto, desde a Criação do mundo, não pretendem escrever uma verdadeira história universal, mas antes desvelar um plano divino e um projeto de aliança que remonta à própria criação do mundo, através de todo este conjunto de textos mais ou menos unificado, que dá sentido à experiência religiosa do povo judeu. Nos livros dos Reis, o importante não é fazer uma simples crónica, mas explicar retrospetivamente de que modo cada rei seguiu a vontade de Deus ou, pelo contrário, dela se afastou, a fim de explicar a queda final do reino de Judá e de Jerusalém. Por seu lado, os livros das Crónicas optam por narrar os mesmos acontecimentos numa perspetiva de exemplaridade edificante. Se a Bíblia pretendesse ser um livro de História, não teria conservado estas duas versões concorrentes, tal como não teria conservado as duas versões do Decálogo.

Importa esclarecer que isto não anula o interesse de um estudo histórico, para compreendermos por que razão existe um afastamento em relação à realidade, que conseguimos reconstituir. Por detrás dos textos existe aquilo a que podemos chamar uma ideologia, ligada à época ou à origem dos mesmos. O relato da conquista de Jericó, por exemplo, ou a dimensão do reino atribuído a David podem estar relacionados, nomeadamente, com uma ideologia imperialista própria de um período de conquistas. Ter consciência disso é útil para compreender a forma como foi sendo entendida progressivamente a aliança especial entre Deus e Israel.

Conclusão

Assim, a Bíblia não procura reconstituir um passado já desaparecido com uma exatidão factual que, em muitos casos, poderia revelar-se impossível de alcançar ou empobrecedora. Procura mostrar como Deus Se revela em toda a densidade da vida de um povo ou de pessoas concretas, de uma forma que ilumina o presente, conduz a uma releitura do passado e abre um futuro.

Esta encarnação passa por uma multiplicidade de situações humanas, mas também pelo recurso a textos de formas muito variadas, inscritos em temporalidades muito diversas, o que pode tornar a leitura difícil. É este aspeto que abordaremos na próxima etapa deste percurso.

DIOCESEDECOIMBRA.PT/ABRE-A-TUA-BIBLIA/